

# Obras Póstumas



*Allan Kardec*

## PARTE II CAPÍTULO II – PROJETO 1868

## Índice

<b>Assunto</b>	<b>Origem</b>	<b>Página</b>
<b>1. Projeto 1868</b>	Obras Póstumas	03
<b>Obras Póstumas (35)</b>	O Consolador	05
<b>2. Estabelecimento Central</b>	Obras Póstumas	06
<b>Obras Póstumas (36)</b>	O Consolador	07
<b>3. Ensino Espírita</b>	Obras Póstumas	08
<b>Revue Spirite de 1864 (Allan Kardec)</b>	O Consolador	09
<b>4. Publicidade</b>	Obras Póstumas	10
<b>Revista Espírita retrata o papel de Kardec na Construção do Espiritismo</b>	O Consolador	11
<b>5. Viagens</b>	Obras Póstumas	12
<b>Minhas visitas</b>	Viagens Espíritas em 1862	13

## Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo II)

### Parte II

### Capítulo II – Projeto 1868

#### I – PROJETO 1868

Um dos maiores obstáculos capazes de retardar a propagação da Doutrina seria a falta de unidade. O único meio de evitá-la, senão quanto ao presente, pelo menos quanto ao futuro, é formulá-la em todas as suas partes e até nos mais mínimos detalhes, com tanta precisão e clareza, que impossível se torne qualquer interpretação divergente.

Se a doutrina do Cristo deu lugar a tantas controvérsias, se ainda agora tão mal compreendida se acha e tão diversamente praticada, é isso devido a que o Cristo se limitou a um ensinamento oral e a que seus próprios apóstolos apenas transmitiram princípios gerais, que cada um interpretou de acordo com suas idéias ou interesses.

Se ele houvesse formulado a organização da Igreja cristã com a precisão de uma lei ou de um regulamento, é incontestável que houvera evitado a maior parte dos cismas e das querelas religiosas, assim como a exploração que foi feita da religião, em proveito das ambições, pessoais.

Resultou que, se o Cristianismo constituiu, para alguns homens esclarecidos, uma causa de séria reforma moral, não foi e ainda não é para muitos senão objeto de uma crença cega e fanática, resultado que, em grande número de criaturas, gerou a dúvida e a incredulidade absoluta.

Somente o Espiritismo, bem entendido e bem compreendido, pode remediar esse estado de coisas e tornar-se, conforme disseram os Espíritos, a grande alavanca da transformação da Humanidade.

A experiência deve esclarecer-nos sobre o caminho a seguir. Mostrando-nos os inconvenientes do passado, ela nos diz claramente que o único meio de serem evitados no futuro consiste em assentar o Espiritismo sobre as bases sólidas de uma doutrina positiva que nada deixe ao arbítrio das interpretações.

As dissidências que possam surgir se fundirão por si mesmas na unidade principal que se estabelecerá sobre as bases mais racionais, desde que essas bases sejam claras e não vagamente definidas. Também ressalta destas considerações que essa marcha, dirigida com prudência, representa o mais poderoso meio de luta contra os antagonistas da Doutrina Espírita. Todos os sofismas quebrar-se-ão de encontro a princípios aos quais a sã razão nada acharia para opor.

Dois elementos não de concorrer para o progresso do Espiritismo: o estabelecimento teórico da Doutrina e os meios de a popularizar. O desenvolvimento cada dia maior, que ela toma, multiplica as nossas relações, que somente tendem a ampliar-se, pelo impulso que lhe darão a nova edição de O Livro dos Espíritos e a publicidade que se fará a esse propósito.

Para utilizarmos de maneira proveitosa essas relações, se, depois de constituída a teoria, eu tivesse de concorrer para sua instalação, necessário seria que, além da publicação de minhas obras, dispusesse de meios para exercer uma ação mais direta.

Ora, creio fora conveniente que aquele que fundou a teoria pudesse ao mesmo tempo impulsioná-la, porque então haveria mais unidade. Sob esse aspecto, a Sociedade tem necessariamente que exercer grande influência, conforme o disseram os próprios Espíritos; sua ação, porém, não será, em realidade, eficiente, senão quando ela servir de centro e de ponto de ligação donde parta um ensinamento preponderante sobre a opinião pública.

## **Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo II)**

Para isso, faz-se mister uma organização mais forte e elementos que ela não possui. No século em que estamos e tendo-se em vista o estado dos nossos costumes, os recursos financeiros são o grande motor de todas as coisas, quando empregados com discernimento. Na hipótese de que esses recursos, de um modo ou doutro, me viessem às mãos, eis o plano que eu seguiria e cuja execução seria proporcional à importância dos meios e subordinada aos conselhos dos Espíritos.

**199. Qual seria um dos obstáculos que poderiam entravar a propagação da Doutrina?**

A falta de unidade. E o único meio de evitá-la, senão para o presente, pelo menos para o futuro, é formulá-la em todas as suas partes, até nos mais minuciosos detalhes, com tanto de precisão e de clareza, que toda interpretação divergente seja impossível.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – Projeto 1868.)

**200. Como é possível concretizar esse propósito?**

A experiência, ao nos mostrar os inconvenientes do passado, algo que acabou ocorrendo no seio do Cristianismo, diz-nos claramente que o único meio de evitá-los para o futuro é assentar o Espiritismo sobre as bases sólidas de uma doutrina positiva, nada deixando ao arbítrio das interpretações.

As dissidências que poderiam se levantar se fundiriam, então, na unidade principal que se estabelecerá sobre as bases mais racionais, se essas bases estiverem claramente definidas e não deixadas no vago.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – Projeto 1868.)

**201. Que instrumentos deveriam concorrer para o progresso do Espiritismo?**

O estabelecimento teórico da Doutrina e os meios de popularizá-la.

Para isso lhe era necessária uma organização mais forte e elementos que ela ainda não possuía. Em seguida a essas palavras, Kardec desenvolveu uma série de considerações – um esboço de Projeto – que ele dividiu nos quatro tópicos seguintes:

1. Estabelecimento central;
2. Ensino espírita;
3. Publicidade e
4. Viagens.

Segundo ele, se essas ideias fossem realmente executadas, é indubitável que alguns poucos anos bastariam para fazer a Doutrina avançar de alguns séculos.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – Projeto 1868.)

## **II – ESTABELECIMENTO CENTRAL**

O mais urgente seria prover a Sociedade de um local convenientemente situado e disposto para as reuniões e recepções. Sem lhe dar um luxo desnecessário e, ao demais, sem cabimento, precisaria que nada aí denotasse penúria, mas apresentasse um aspecto tal, que as pessoas de distinção pudessem estar lá sem se considerarem muito diminuídas. Além do alojamento particular onde eu habitasse, deveria possuir:

1º Uma grande sala para as sessões da Sociedade e para as grandes reuniões;

2º Um salão de recepção;

3º Um compartimento destinado às evocações íntimas, espécie de santuário, que não seria profanado por nenhuma ocupação estranha;

4º Um escritório para a Revista, os arquivos e os negócios da Sociedade.

Tudo isso disposto e preparado de maneira cômoda e condizente com a sua destinação.

Criar-se-ia uma biblioteca composta de todas as obras e escritos periódicos franceses e estrangeiros, antigos e modernos, relacionados com o Espiritismo.

O salão de recepção estaria aberto todos os dias e a certas horas, para os membros da Sociedade, que aí poderiam conferenciar livremente, ler os jornais e consultar os arquivos e a biblioteca.

Os adeptos estrangeiros, de passagem por Paris, seriam aí recebidos, desde que fossem apresentados por um sócio.

Estabelecer-se-ia correspondência regular com os diferentes centros da França e do estrangeiro.

Haveria um empregado secretário e um auxiliar de escritório.

**202. Que é que Allan Kardec chamou de estabelecimento central e quais os seus objetivos?**

Seria um local convenientemente situado e disposto para as reuniões e as recepções.

Sem nele colocar um luxo inútil, inteiramente dispensável, seria necessário que nada ali acusasse a penúria, mas que fosse um local apropriado para receber bem as pessoas.

Além de um alojamento particular para ele próprio usar, o estabelecimento deveria compreender:

1º. Uma grande sala para as sessões da Sociedade e as grandes reuniões;

2º. Um salão de recepção;

3º. Uma peça consagrada às evocações íntimas, espécie de santuário que não seria profanado por nenhuma ocupação estranha;

4º. Um escritório para a Revista, os arquivos e os negócios da Sociedade.

Tudo isso deveria ser disposto e arranjado de maneira cômoda e conveniente para a sua destinação. Seria criada uma biblioteca composta de todas as obras e escritos periódicos, franceses e estrangeiros, antigos e modernos, que tivessem relação com o Espiritismo.

O salão de recepção seria aberto todos os dias a, certas horas, aos membros da Sociedade, que poderiam ali vir conferenciar livremente, ler os jornais, consultar os arquivos e a biblioteca.

Os adeptos estrangeiros, de passagem por Paris, desde que apresentados por um membro, nele seriam admitidos.

Uma correspondência regular seria estabelecida com os diferentes centros da França e do estrangeiro.

Um empregado secretário e um moço de escritório seriam ligados ao estabelecimento.

(Obras Póstumas – Segunda Parte – Projeto 1868.)

**III – ENSINO ESPÍRITA**

Um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência e de difundir o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as idéias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns.

Considero esse curso como de natureza a exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas consequências.

80. Na parte final da introdução transcrita pela **Revue**, Kardec é enfático: “Graças às comunicações de ora em diante estabelecidas de maneira permanente entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, ensinada em todas as nações pelos próprios Espíritos, não mais será letra morta, porque cada um a compreenderá e necessariamente será solicitado a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais”.  
(Revue Spirite de 1864, P. 99)

81. Reafirmando que o Espiritismo não tem nacionalidade, Kardec assevera que é a universalidade do ensino dos Espíritos que constitui a força da doutrina espírita e a causa de sua rápida propagação. Em face disso, adverte o Codificador que, para tudo quanto esteja fora do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um pode obter têm um caráter individual sem autenticidade e devem ser consideradas como opinião pessoal desse ou daquele Espírito, sendo imprudente aceitá-las e promulgá-las levemente como verdades absolutas.  
(PP. 100 e 101)

82. O primeiro controle do ensino dos Espíritos é, sem dúvida, o da razão, à qual é preciso submeter tudo quanto venha dos Espíritos, sem qualquer exceção. “Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possuem, por mais respeitável que seja a sua assinatura, deve ser rejeitada.”  
(P. 101)

83. Como esse controle é, em muitos casos, incompleto, devido à insuficiência das luzes de certas pessoas e da tendência de muitos a tomar seu próprio julgamento por único árbitro da verdade, a concordância no ensino dos Espíritos deve ser verificada, mas é preciso que se dê em certas condições.  
(PP. 101 e 102)

84. A única garantia séria está, então, na concordância que exista entre as revelações espontâneas, feitas por grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em diversas regiões. “Prova a experiência – diz Kardec – que quando um princípio novo deve ter a sua solução, é ensinado espontaneamente em diversos pontos ao mesmo tempo e de maneira, senão na forma, ao menos no fundo.”  
(P. 102)

85. Esse controle universal, segundo o Codificador, é uma garantia para a futura unidade do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. É aí que, no futuro, será procurado o critério da verdade e é o que fez o sucesso da doutrina formulada no Livro dos Espíritos e no Livro dos Médiuns, visto que por toda a parte cada um pode receber dos Espíritos, diretamente, a confirmação do que eles encerram.  
(P. 102)

86. Concluindo o artigo, Kardec afirma que não é à opinião de um homem que se aliarão os Espíritos, nem será um homem que fundará a ortodoxia espírita, nem um Espírito, mas sim a universalidade dos Espíritos, comunicando-se em toda a Terra, por ordem de Deus.  
“Aí está – diz o Codificador – o caráter essencial da doutrina espírita; aí está a sua força e a sua autoridade.”  
(P. 104)

#### IV – PUBLICIDADE

Dar-se-ia maior desenvolvimento à Revista, quer aumentando-se-lhe o número de páginas, quer tornando-se-lhe mais frequente a publicação. Agregar-se-lhe-ia um redator remunerado. Uma publicidade em larga escala, feita nos jornais de maior circulação, levaria ao mundo inteiro, até as localidades mais distantes, o conhecimento das idéias espíritas, despertaria o desejo de aprofundá-las e, multiplicando-lhes os adeptos, imporiam silêncio aos detratores, que logo teriam de ceder, diante do ascendente da opinião geral.

**Crônicas e Artigos**

497 – 01/01/2017

O Consolador – (Wellington Balbo)

**Revista Espírita retrata o papel de Kardec na Construção do Espiritismo**

**IV – Publicidade**

.....

Dentre os mais variados temas da revista, destaco, também, uma instrução de Kardec referente à publicidade das mensagens espíritas. A instrução citada está no número de janeiro da revista de 1862.

Kardec aborda a importância de dar publicidade às mensagens espíritas e faz relevantes ponderações, levanta pontos fortes e fracos, ameaças e oportunidades das ainda poucas possibilidades de publicidade da época.

Pode-se dizer que ali Kardec fez uma análise SWOT, análise esta que identifica os pontos fortes e fracos, as ameaças e oportunidades que as instituições encontrarão em seus respectivos cenários. Vale lembrar que a análise SWOT só veio ao mundo no século XX, obedecendo às necessidades das organizações de se planejarem.

Ainda no texto pertinente à publicidade das mensagens espíritas, Kardec desculpa-se com o leitor por tratar de coisas puramente materiais, haja vista que toca em pontos financeiros para o sucesso das publicações, num espaço destinado às coisas celestes, todavia, ressalta que o faz por julgar necessário e com o objetivo de divulgação da mensagem espírita.

O tema financeiro, aliás, ainda é um tabu para o espírita. Indubitavelmente Kardec não teria problemas em aplicar grandes somas para que a divulgação espírita se tornasse pujante e atingisse um grande número de pessoas.

Aliás, muitos o acusavam de enriquecimento à custa do Espiritismo, o que é sabido não ser verdade. Kardec tinha a ciência de que sem os recursos materiais necessários seria impossível atingir o pleno sucesso na divulgação espírita.

O que se percebe no estudo da Revista Espírita é um Kardec altamente envolvido com a divulgação do Espiritismo, alguém que empenhou todos os seus esforços para o sucesso da doutrina.

Imagino-o nos dias de hoje, com tantas possibilidades à sua disposição para levar o Espiritismo aos mais recônditos rincões deste planeta, certamente os utilizaria em plenitude.

As redes sociais, pois, seriam um local em que se encontraria Kardec com muita facilidade. Teria, muito provável, perfis em Facebook, Twitter, Instagram e, fatalmente, espaço em jornais não espíritas.

Kardec foi muito corajoso e a dimensão de sua vinda à Terra ainda estamos distantes de entender. Por isso, para que compreendamos, mesmo que palidamente, um pouco da importância de sua reencarnação no século XIX, faz-se fundamental debruçar-se nas páginas da Revista Espírita.

Fica, então, registrada a sugestão ao leitor e estudioso do Espiritismo.

## V – VIAGENS

Dois ou três meses do ano seriam consagrados a viagens, em visita aos diferentes centros e a lhes imprimir boa direção.

Se os recursos o permitissem, instituir-se-ia uma caixa para custear as despesas de viagem de certo número de missionários, esclarecidos e talentosos, que seriam encarregados de espalhar a Doutrina.

Uma organização completa e a assistência de auxiliares remunerados, com os quais eu pudesse contar, libertando-me de uma imensidade de ocupações e preocupações, me dariam o lazer necessário para ativar os trabalhos que ainda me restam por fazer e aos quais o atual estado das coisas não permite que eu me consagre tão assiduamente como fora preciso, por me faltar materialmente o tempo e por não serem suficientes para tanto as minhas forças físicas.

Se porventura me estivesse reservado realizar este projeto, em cuja execução eu teria de me haver com a mesma prudência de que usei no passado, indubitavelmente alguns anos bastariam para fazer que a Doutrina avançasse de alguns séculos.

\*

A Constituição do Espiritismo, Allan Kardec a inseriu na Revista de dezembro de 1868, mas sem os comentários que lhe acrescentou antes de morrer e que reproduzimos textualmente.

A morte corpórea o deteve, quando se preparava para formular os Princípios fundamentais da Doutrina Espírita reconhecidos como verdades definitivas, o que os nossos leitores certamente lamentarão, como nós, porquanto esses princípios teriam completado aquela constituição por meio de apreciações lógicas e judiciosas.

É o último manuscrito do Mestre e nós o lemos com profundo respeito.

**Minhas visitas – pg. 75-76**

Minhas visitas aos centros espíritas, naturalmente, têm por objetivo principal auxiliar os nossos irmãos em crença em suas tarefas.

Assim, eu as aproveito para lhes dar instruções que possam necessitar, como desenvolvimento teórico ou aplicação prática da Doutrina, tanto quanto me é possível fazê-lo.

Como é sério o fim dessas visitas, e exclusivamente no interesse da Doutrina, não busco ovações, que nem são do meu gosto, nem do meu caráter.

Minha maior satisfação é encontrar-me com amigos sinceros, devotados, com os quais nos podemos entreter sem constrangimento e esclarecer-nos mutuamente, por uma discussão amistosa, em que cada um traz o contributo de suas próprias observações.

Nessas excursões não vou pregar aos incrédulos; jamais convoco o público para catequizá-lo, pois não vou fazer propaganda; só compareço a reuniões de adeptos nas quais meus conselhos são desejados e possam ser úteis; eu os dou de bom grado aos que julgam deles necessitar; abstenho-me com os que se julgam bastante esclarecidos para os dispensar.

Numa palavra, só me dirijo aos homens de boa vontade. Se, excepcionalmente, se insinuassem nessas reuniões pessoas atraídas somente pela curiosidade, ficariam desapontadas, porquanto aí nada encontrariam que as pudesse satisfazer; e, caso estivessem animadas de sentimento hostil ou desabonador, o caráter eminentemente grave, sincero e moral da assembleia e dos assuntos nela tratados tiraria qualquer pretexto plausível para a sua malevolência. Tais são os pensamentos que exprimo nas diversas reuniões às quais sou chamado para assistir, a fim de que não se equivoquem quanto às minhas intenções.

Afirmo no início que eu não era senão o representante da Doutrina. Algumas explicações sobre o seu verdadeiro caráter naturalmente chamarão vossa atenção para um ponto essencial que, até agora, não foi considerado suficientemente.

Na verdade, vendo a rapidez dos progressos desta Doutrina, haveria mais glória em dizer-me seu criador; meu amor-próprio aí encontraria o seu salário; mas não devo fazer minha parte maior do que ela é; longe de o lamentar, eu me felicito, porque, então, a Doutrina não passaria de uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia sua autoridade.

Poderia ter partidários, talvez fizesse escola, como muitas outras, mas certamente não teria adquirido, em alguns anos, o caráter de universalidade que a distingue.

Eis um fato capital, senhores, que deve ser proclamado bem alto. Não, o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa; tem sua fonte nos fatos da própria Natureza, em fatos positivos, que se produzem a cada instante sob os nossos olhos, mas cuja origem não se suspeitava.

É, pois, resultado da observação; numa palavra, uma ciência: a ciência das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; ciência ainda imperfeita, mas que se completa todos os dias por novos estudos e que, tende certeza, ocupará o seu lugar ao lado das ciências positivas. Digo positivas, porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.

O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na Natureza. Newton não inventou a lei da gravitação; esta lei universal existia antes dele. Cada um a aplicava e lhe sentia os efeitos, embora não a conhecessem.

## Obras Póstumas – (Parte II – Capítulo II)

O Espiritismo, por sua vez, vem mostrar uma nova lei, uma nova força da Natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei tão universal quanto a da gravitação e da eletricidade, conquanto ainda desconhecida e negada por certas pessoas, como o foram todas as outras leis na época de suas descobertas.

E que os homens geralmente têm dificuldade em renunciar às suas idéias preconcebidas e, por amor-próprio, custa-lhes reconhecer que estavam enganados, ou que outros tenham podido encontrar o que eles mesmos não encontraram.

Mas, em última análise, como esta lei repousa sobre fatos, e contra os fatos não há negação que possa prevalecer, terão de render-se à evidência, como os mais recalcitrantes o fizeram quanto ao movimento da Terra, à formação do globo e aos efeitos do vapor.

Por mais que acusem os fenômenos de ridículos, não podem impedir a existência daquilo que é. Assim, o Espiritismo procurou a explicação dos fenômenos de uma certa ordem e que, em todos os tempos, se produziram de maneira espontânea.

Mas, sobretudo, o que o favoreceu nessas pesquisas é que lhe foi dado, até certo ponto, o poder de produzi-los e de provocá-los. Encontrou nos médiuns instrumentos adequados a tal efeito, como o físico encontrou na pilha e na máquina elétrica os meios de reproduzir os efeitos do raio.

E fácil compreender que isto não passa de uma comparação; não pretendo estabelecer uma analogia. Mas há aqui uma consideração de alta importância: é que, em suas pesquisas, ele não procedeu por via de hipóteses, como o acusam; não supôs a existência do mundo espiritual para explicar os fenômenos que tinha sob as vistas; procedeu por meio da análise e da observação; dos fatos remontou à causa e o elemento espiritual se lhe apresentou como força ativa; só o proclamou depois de havê-lo constatado.